

GILLIES, Ana Maria Rufino. O Diário de uma imigrante britânica no Paraná – (1860 – 1890) memórias, trabalho e sociabilidades. Curitiba: SAMP, 2014. 276 p.

Emanuela Carla Siqueira¹

- Enviado em 30/01/2016
- Aprovado em 03/04/2016

O interesse histórico pelo homem comum, que aparece com mais força em meados do século XX, é uma das forças motrizes para Ana Maria Rufino Gillies fazer sua pesquisa e escrever *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860 – 1890)*. O livro chega às mãos do leitor para mostrar como a reconstrução da trajetória de uma imigrante pode ser bastante relevante para conhecer e entender uma série de aspectos; desde a valorização da escrita de memórias e diários para uma posterior reconstrução do passado, a condição da mulher nesse período, seu trabalho e sociabilidades e, por fim, o processo imigratório no Brasil na segunda metade do século XIX, os fatores que levaram os imigrantes - britânicos em especial - virem e posteriormente saírem do país.

O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860 – 1890) é resultado das pesquisas feitas pela autora para o doutoramento na Universidade Federal do Paraná. Partindo de uma ideia inicial de resgatar a presença dos britânicos no estado, serviram como pilares um diário escrito no fim do século XIX, um livro de memórias da década de 1950 e também a leitura minuciosa de periódicos da época. A autora percebeu que além destes imigrantes receberem pouca atenção dos historiadores, boa parte dos grupos que vieram para essa região acabavam migrando ou imigrando

¹ Graduada em Letras – Inglês e Literaturas de língua inglesa pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Endereço eletrônico: emanuelacsiqueira@gmail.com

para outros países, como é o caso dos pais de Albert Tigar, neto de Caroline Tamplin, autores do diário e livro de memórias em questão.

O único diário que sobrou de Caroline Tamplin, escrito entre os anos de 1880 a 1882, é o tema central do livro. Partindo desses escritos a autora dialoga com vários aspectos e conceitos para localizá-los não apenas historicamente, mas também socialmente. A escrita de diários era uma prática comum no período, inclusive disseminada na Grã-Bretanha, ainda no século XVI. Nesse diário não há quase nenhuma brecha para sentimentalismos ou escrita confessional. A autora apenas elenca uma série de atividades praticadas durante o dia, situações corriqueiras e nomes de pessoas com quem encontrou ou fez alguma visita.

Rufino Gillies alia as informações no diário de Caroline com documentações de época e extensa pesquisa em periódicos locais, principalmente o *Dezenove de Dezembro* e *Gazeta Paranaense*. A trajetória de Tamplin no Brasil começa na colônia de Assunguy – atualmente a cidade de Cerro Azul (PR) - e é repleta de adversidades. Na segunda metade do século XIX o Brasil passava a adotar algumas medidas para modernizar o país e entre essas estavam as políticas de imigração e criação de colônias específicas para os grupos oriundos, principalmente da Europa. As promessas eram de um novo mundo, com terras férteis e clima perfeito para plantar e colher. Ainda, eram prometidos subsídios financeiros, equipamentos e todo tipo de colaboração para que esses grupos pudessem se instalar no país, plantar e frutificar.

As motivações que traziam os imigrantes para o Brasil não são muito difíceis de se encontrar, há uma documentação existente tanto das propagandas feitas para o chamamento, assim como registros da chegada deles no país e sua inserção nas colônias. Não era difícil de encontrar famílias dispostas a saírem da Europa, que presenciava uma série de problemas sociais como explosão demográfica e desemprego, por exemplo. Na Inglaterra não era diferente, muitas propagandas mostravam que era na América do Sul que estava o futuro. Uma das perguntas que Ana Maria Rufino Gillies tenta responder são as causas que levaram esses mesmos imigrantes britânicos a irem embora do Brasil, como é o caso de alguns membros da família Tamplin, que migraram para países ainda mais distantes de sua terra natal.

Com a pesquisa no Arquivo Público do Paraná e leituras de outros historiadores, dedicados a compreender a imigração britânica no Brasil, a autora encontrou referências que mostram as dificuldades de sobreviver no país, particularmente na colônia de Assunguy. A família Tamplin chegou em 1868 e residiu cerca de seis anos no lugar, com uma série de promessas descumpridas, alimentos que estragavam por conta do difícil acesso à colônia, além de doenças e mortes na

família. De certa forma a autora faz aqui uma denúncia das falaciosas campanhas imigratórias pelos órgãos responsáveis da época, mostrando que essas políticas serviam mais para uma substituição do trabalho escravo e uma vontade de embranquecimento da população, do que uma verdadeira política de receber esses colonos e bem utilizar as terras férteis no país.

Em 1880, já viúva e tendo que manter a família sozinha, Caroline Tamplin muda-se para Curitiba e é nesse momento que surgem as primeiras entradas no diário. A capital se mostrava um ambiente um pouco menos hostil em relação à natureza da antiga morada, mas também tinha suas próprias regras sociais. Nesse contexto a autora de *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860 – 1890)* passeia por vários campos para esmiuçar o diário de Caroline Tamplin e assim construir um retrato da época, não apenas sobre as condições dos imigrantes britânicos no Paraná, mas também sobre a condição da mulher entre a vida privada e o meio público da época, e a necessidade de desenvolver certas regras sociais para garantir a sobrevivência no lugar.

Muitas mulheres na colônia de Assunguy, ao ficarem viúvas, retornaram aos seus países de origem, mas Caroline Tamplin permaneceu no país. Os motivos da permanência não são claros, mas a autora acredita que o fato de ter filhos casados aqui e o sucesso de sua permanência na capital ajudaram. Caroline se esforçou bastante para fazer parte desse lugar, ou pelo menos é o que mostra seu diário, repleto de compromissos sociais e comentários sobre eventos que aconteciam na cidade de Curitiba.

Para localizar Caroline nessa busca de sociabilização no círculo curitibano, Gillies retoma o conceito de *outsider* desenvolvido por Norbert Elias, que trata daquele que busca fazer parte do grupo dos *estabelecidos*. É acreditando ter as condições básicas para pertencer a essa sociedade que Caroline investiu na promoção dos trabalhos que poderia oferecer, graças à sua educação britânica, algo bastante valorizado na sociedade brasileira da época. Aulas de inglês, piano, pintura e outras atividades na educação para meninas eram oferecidas e bem recebidas, principalmente pelo fato de ela ser nativa de um país e continente considerados o berço das boas maneiras e educação, nesse contexto Caroline obteve êxito em seu trabalho.

Além da questão das tentativas de se estabelecer nessa sociedade curitibana, havia ainda o fato de Caroline ser uma mulher viúva e sozinha na manutenção da casa e dos filhos. Mas ela não era a única; a autora relata algumas situações de imigrantes britânicas pelo país, que também ofereciam serviços baseadas nos atributos que tinham graças à educação. Juntamente com as pesquisas específicas sobre as mulheres britânicas, Ana Maria Rufino Gillies também contextualiza o trabalho fazendo uso de historiadoras como Michelle Perrot, que se aprofunda mais na vida

privada das mulheres, mostrando o apagamento que estas sofreram ao longo do desenvolvimento dos estudos históricos. Dando um panorama de conceitos, ela releva a importância de documentos como os diários para uma possível reconstrução dessas vidas apagadas.

Aliando os estudos sobre a história das mulheres e a questão da manutenção da memória que a autora de *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860 – 1890)* reconstrói o possível cotidiano de Caroline Tamplin nesses dois primeiros anos morando em Curitiba. Gillies abre a possibilidade de que “o registro do seu cotidiano em um diário pode ter sido a maneira que ela encontrou para justificar suas escolhas e condutas, a partir de determinada representação de si”² pois a escolha do que merece ou não ser retratado é uma escolha exclusiva do autor do diário ou da escrita memorialista, pensando sempre em quem pode ler isso futuramente.

De que forma Caroline gostaria que nós a vissemos? O diário dela se difere das memórias, por exemplo, do seu neto Albert Tigar no anos 1950 (objeto de estudo de apoio aqui) que trata das memórias relacionadas com sentimento e saudosismo. Enquanto que no diário são relatados apenas descrições do clima e a série de atividades que compunham o seu dia a dia, o que muitas vezes confere aos relatos uma repetição de trabalho árduo e ações sociais. Fica claro que Caroline se relacionava muito bem em Curitiba. Em *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860 – 1890)* a autora une essas descrições com anúncios e recados publicados nos jornais. Alunos agradecidos pelas lições da mestra, anúncios de concertos ou mesmo descrições de eventos mostram que Caroline logo fez parcerias de sucesso na cidade. Mas como também era comum na época, a autora relata publicações no jornal querendo tirar crédito de Caroline, nos lembrando mais uma vez que mesmo sendo uma trabalhadora, ainda era uma viúva que sustentava seus filhos sozinha, e isso não agradava muitas pessoas da sociedade que ainda não sabia lidar com a situação de mulheres sem homens.

Tanto o diário de Caroline Tamplin quanto ao posterior relato de seu neto Albert Tigar, que viveu no Brasil apenas até os seis anos, dialogam entre si como manutenção de uma memória familiar. Os relatos de Tigar são frutos de lembranças a longo prazo, misturada às experiências adquiridas durante a vida, e as de Caroline são escolhas de um presente para uma memória posterior ou mesmo uma construção e reafirmação de identidade. Porém ambos se complementam de forma interessante nas investigações de Gillies, construindo situações e relações que se iniciam em um

² 37 GILLIES, Ana Maria Rufino. *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná*. Curitiba, SAMP, 2014, pp. 36 e

microespaço de uma família imigrante em uma colônia, até o macroespaço da sociedade de um país e mesmo de uma época, quando se refere a Caroline como mulher.

Hoje é fácil fazermos conjecturas sobre os escritos do passado, ainda mais se podemos ser *voyeurs* de um diário e posteriores relatos de memórias, mas Ana Maria Rufino Gillies consegue de fato manter o leitor interessado nos pormenores da vida de TAMPLIN, sempre mantendo um diálogo com conceitos históricos. Com um estilo fluído e até didático, sem em nenhum momento ser maçante, a autora dá voz a uma personagem da Curitiba do século XIX, talvez relegada ao anonimato. Ela coloca o leitor em questionamento sobre quantas Carolinas têm seus diários esquecidos em antigos baús, esperando para se tornarem personagens da História e ajudando na reconstrução de um passado sem protagonistas únicos.